

Empresas nacionais não conseguem dar o salto tecnológico. Rocha da Cunha, presidente da PME-Portugal, afirma:

«Portugal é um País anti-empresa»

As fábricas portuguesas não conseguem produzir produtos sofisticados. A indústria está a abandonar a produção de baixa tecnologia. O País tecnológico de Sócrates continua a ser inexistente também no mundo empresarial



«As empresas estão descapitalizadas, poucos investem em indústria, os fundos comunitários não são aplicados em investimento empresarial e muito menos industrial», lamenta Rocha da Cunha

ANA CLARA

PORTUGAL continua a falhar no plano tecnológico das empresas. Tudo porque as fábricas nacionais não conseguem produzir produtos sofisticados e, apesar de a intensidade tecnológica da produção estar a subir, não passa do patamar médio. Para agravar a situação, segundo dados de 2008, as vendas das indústrias tradicionais perdem peso nas exportações.

De acordo com estatísticas oficiais, nos primeiros 11 meses do ano passado apenas 10 por cento das exportações industriais portuguesas envolveram produtos de alta tecnologia. Uma queda de 9,6 por cento nas vendas — 344 milhões de euros — em relação a igual período de 2007, quando as exportações de tecnologia de ponta representavam 11 por cento das vendas industriais ao estrangeiro. Tendo em conta que a indústria está a abandonar a produção da baixa tecnologia e não consegue dar o salto, **Joaquim Rocha da Cunha**, presidente da Associação PME-Portugal explica a «ODIABO» as razões do atraso tecnológico.

«A modernização tecnológica está longe do desejável»

Joaquim Rocha da Cunha, líder da PME-Portugal, afirma que estamos perante «uma realidade muito negativa». «O norte que representa 44 por cento das exportações nacionais, é a sexta região mais industrializada da Europa, contudo com baixíssimo índice tecnológico. Nada se fez para inverter esse cenário. A CCDR Norte e o ON-2 o novo programa operacional norte não têm mobilizado os meios do QREN para fazer face a isto. No resto do País a situação onde há indústria é semelhante, mas a mais grave é no norte», explica.

Reconhece que a modernização tecnológica das nossas empresas está longe do desejável «e vai piorar porque hoje as empresas estão

descapitalizadas, poucos investem em indústria, os fundos comunitários não são aplicados em investimento empresarial e muito menos industrial».

Questiona por que razão «é que os estímulos do País não são pró-empresariais». «Fala-se muito de empreendedorismo, mas este é um País anti-empresa», critica.

Recorde-se que só em 2008 — até Novembro — Portugal vendeu 3,42 mil milhões de euros em sofisticação, mas, ao mesmo tempo, teve de comprar ao estrangeiro 7,8 mil milhões de euros de produtos de vanguarda tecnológica. Para **Joaquim Rocha da Cunha** as maiores fragilidades das empresas portuguesas nesta matéria são «o meio em que se inserem».

Questionado sobre se está aqui em causa também um problema de

mentalidades, o presidente da PME-Portugal responde: «secular e que se vem agravando, em especial a da inveja, do jacobinismo, do ódio aos "ricos", da mentalidade que o "parão" é um ladrão, e não de que um empresário arrisca a sua vida, carreira, e dinheiro para gerar um bem social, criar emprego, gerar salários, pagar impostos. Traduzindo um "outdoor" que está por todo o País, as empresas não devem dar lucro e os empresários devem ser todos atirados ao lixo. É o regresso ao Estado totalitário».

A evolução tecnológica ou...nem tanto

■ Os dados oficiais demonstram que a produção de equipamento rádio, vídeo, comunicações, componentes informáticos regressou aos patamares de 2002, quando a tecnologia de ponta significava menos de 10 por cento das vendas industriais para o outro lado da fronteira. A produção industrial portuguesa exportadora parece estar a especializar-se em conteúdos de média intensidade tecnológica, como máquinas elétricas, carros, componentes automóveis e produtos químicos. Este agregado (que inclui a média-baixa e média-alta tecnologia) já representa 54,6 por cento das exportações industriais, quando no início da década (em 2001) ocupava uma fatia de 43,9 por cento das vendas. Nos últimos anos, este aumento da especialização industrial na categoria da sofisticação média tem sido feito à custa da componente da média-baixa tecnologia, ou seja, exportação de produtos como borrachas, plásticos, metalurgia e produtos refinados, como gasolinas. No entanto, no princípio da década as vendas de produtos com média-alta intensidade tecnológica mantêm o mesmo peso nas exportações: variam entre os 30,4 e os 31,2 por cento até finais de 2008. E desde há três anos que não existem acréscimos tecnológicos nos livros da exportação desta componente, o que atesta as dificuldades da indústria portuguesa em ganhar saltos de qualidade tecnológica e ajuda a explicar os crónicos défices comerciais de mercadorias.

Além disso, de 2001 a 2008 (até Novembro), o peso dos produtos industriais com baixo teor tecnológico nas exportações baixou de 44,6 para os 34,8 por cento. Isto confirma que a venda de têxteis, pasta de papel, madeiras e produtos alimentares estão a perder peso nas estruturas das exportações industriais.